

# Problemas urbanos

Cabe-nos assinalar, antes de qualquer conclusão, a retomada do encontro da cidade com as suas origens, neste Primeiro Painel de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília.

Estaríamos correndo o risco de envelhecimento precoce, condenados a um medíocre confinamento a que nos relegariam minúsculas questões municipais, se não nos colocássemos, novamente, diante das perspectivas de grandiosidade previstas, desde o início, para a mais jovem capital do mundo.

Bem avisado revelou-se o Governador Elmo Farias ao restabelecer os contatos com os criadores da "urbs" que se abrirá, num gesto de temeridade e audácia, em pleno deserto do Brasil Central.

Não precisamos recordar aqui os lances dessa batalha, levada de roldão contra a exiguidade dos recursos, a indiferença da maioria e a tenaz oposição dos comodistas.

Quando se pensava que nos encontrávamos, ainda, na controvérsia dos debates, os três poderes da República já se encontravam instalados na quase nudez de um ponto geográfico, pouco antes apenas desenhado na cartografia brasileira.

E foi justamente esse inesperado passe de mágica que espantou o mundo, perplexo em face da realização de um povo tido e havido, na ligeireza das generalizações, sempre monoculares e injustas, como carnavalesco e futebolístico.

Muitos quiseram olhar de perto, para melhor certificar-se, tão inaceitável parecia o fenômeno, a metrópole nascente, plantada no maciço selvagem como as ilhas vulcânicas emergem do ventre dos mares.

Arquitetos, artistas, sociólogos, escritores, urbanistas, estudantes, professores e homens de ciência aqui vieram, atraídos pelo paradoxo de uma realidade irmã siamesa da fantasia.

Dentre eles, um autor famoso, ele próprio personagem do mundo, crítico, novelista, acatado pela segurança de seus ensaios, misto de homem público e arqueólogo da História.

Com toda essa respeitável bagagem no terreno da criatividade, foi assim que André Malraux manifestou sua comovida impressão, quando interpelado pela curiosidade da imprensa europeia: "Acabo de regressar de uma viagem ao futuro".

Verifica-se, portanto, que com tal acolhida e com tão festejada expectativa, Brasília não se poderá conformar com a mediocridade dos destinos planiformes, ela que nasceu no altiplano.

Pelo contrário: há de ser um permanente desafio à nossa capacidade criativa, aos dons da imagística e do original, frutos também perenes da inteligência brasileira.

Tem razão, por isso, o professor José Carlos Coutinho, ao proclamar, no Seminário em boa hora convocado pelo Senador Cattete Pinheiro, que a atração exercida por Brasília em todo o mundo deve ser preservada.

Não simplesmente por uma questão de orgulho nacional — completou — mas porque isso representa, também, um potencial que pode ser traduzido em dividendos para a cidade.

Poressa razão, entende o professor da nossa Universidade maior que as autoridades devem manter Brasília entre as obras maiores do urbanismo contemporâneo.

E como que complementando o pensamento do mestre universitário, o economista Gilberto Sobral, da Codeplan, preocupado com as catastróficas consequências que resultariam da brusca paralisação do setor de construção civil, preconizou mais ampla abertura do leque de atividades capazes de absorver a mão-de-obra excedente. Inquietou-se, igualmente, com a estrutura econômica da cidade, cujo sucesso será alcançado através da institucionalização do efetivo sistema de planejamento, que não poderá deixar de estabelecer um programa de transferência da Administração Federal para Brasília, integrado verticalmente com os planos regional e nacional.

Muitos outros técnicos, professores, especialistas, e administradores analisaram os diferentes ângulos dos problemas urbanísticos, arquitetônicos e viários, numa criteriosa conscientização das dificuldades a vencer e dos desvirtuamentos a corrigir.

Estamos, assim, diante de Brasília renascida, com o responsável pela sua paternidade, professor Lúcio Costa, orientando, instruindo e esclarecendo.

A brusca proliferação das cidades-satélites, por exemplo, asfixiou, quando deveria desafogar o Plano Piloto, se elas não tivessem surgido prematuramente.

Entretanto, a solução está à vista: dotar esses núcleos dos elementos de auto-sustentação, por forma que os distritos industriais, dentro das características do Distrito Federal, absorvam os seus moradores, que deixarão de deslocar-se para o Plano Piloto, no fluxo e refluxo do tráfego diário.

E se o projeto inicial for cumprido, teremos outro deslocamento: o bifurcamento da população nos arredores da Estação Rodoviária, com duas amplas praças, circundadas de bares, restaurantes, lanchonetes, passando a ser, como originalmente se planejou, o verdadeiro centro da cidade.

Sem falar noutra proposição sentida do Professor: árvores frondosas em vez dos esqueléticos rebentos do cerrado.